

Castro Marim (*Baesuri*) A ocupação antiga de C.M. (Algarve, *Portugal) registou-se na pequena colina de forma arredondada, onde, na Idade Média, se implantou o Castelo. O sítio localiza-se na margem direita do rio Guadina, perto da sua foz. Através das fontes clássicas (Itinerário de Antonino) e das cunhagens da ceca republicana sabemos que o seu nome pré-rom. era *Baesuri*. Os trabalhos arqueológicos concretizados no local foram relativamente extensos (1000 m²) e permitiram reunir abundante documentação sobre a diacronia da ocupação que se iniciou durante o Bronze Final. Deste primeiro momento sobraram apenas estruturas negativas, fossas e silos, e materiais, exclusivamente cerâmicos. A partir do início da Idade do Ferro, as evidências arqueológicas são já bem mais numerosas, consistindo em espólios vários e em estruturas defensivas, habitacionais e culturais, relativamente bem conservadas. As relações com o mundo fen. ocidental ficaram demonstradas para a Idade do Ferro, através de espólios e de arquitecturas, sendo certo que a partir do século VII a.n.e. a população que aqui habitava entrou em contacto com os colonos fen. instalados na região do Estreito de Gibraltar. Entre os primeiros, destacam-se as cerâmicas de engobe vermelho (pratos e taças) e pintadas em bandas (*pithoi*, urnas de tipo Cruz del Negro), bem como as ânforas (R1) e a cerâmica cinzenta fina polida. Uma muralha de casamatas, pisos pintados de vermelho, e contruídos com conchas, paredes de abobe e de taipa contam-se entre as segundas. Mas alguns materiais tidos como «tartéssicos», como os fechos de cinturão, bem como as importações gregas (coríntias) evidenciam a diversidade dos centros abastecedores durante grande parte do I milénio a.n.e., dos quais ressalta, a partir do século V a.n.e., a baía de *Cádiz. Relativamente aos espaços construídos, e para além da já mencionada muralha de casamatas ou de “cajones” e de algumas estruturas habitacionais, merece destaque o que foi interpretado como área de culto, constituída por compartimentos de planta rectangular, com estrutura de combustão central (altar) e bancos corridos no interior. Os pisos eram de conchas ou de argila vermelha. A funcionalidade cultural deste espaço, construído durante o século VII, permaneceu em anos posteriores, tendo sido reconhecidos depósitos de materiais, que classificámos de *bothroi*, e que foram datados dos séculos V e IV a.n.e. O aparecimento de pendentes de vidro representando a deusa *Astarté indicia que o culto seria prestado a esta divindade. Os finais do século VI a.n.e. e a primeira metade do século V a.n.e. correspondem, em C.M., a momentos de acentuado declínio, de que recupera em torno a 425, quando novas estruturas são construídas sobre as antigas, que são desactivadas e arrasadas. A renovação urbanística que se fez sentir é acompanhada por um evidente crescimento económico que está materializado em numerosas importações de produtos

alimentares, de que são testemunho as muitas ânforas de preparados de peixe produzidas na baía gaditana (Mañá Pacual A4), mas também as oleárias (Tipo Tiñosa), com origem na Campiña. Os produtos manufacturados importados estão também presentes em quantidades significativas, como é o caso da cerâmica grega, dos finais do V e da primeira metade do IV, e da de tipo Kouass, nos últimos anos desta centúria e durante a seguinte. Os estudos faunísticos já efectuados para a Idade do Ferro de C.M. evidenciaram a presença de galináceos e burros desde as fases iniciais de ocupação, e a análise carpológica (v. *carpologia) mostrou uma acentuada dependência da cevada em termos ceralíferos.

Arruda, *Fenícios*, 36 ss.; A.M. Arruda – V. Freitas – C.F. Oliveira, “Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim”, in J.L. López Castro (ed.), *Las ciudades fenicio-púnicas en el Mediterráneo Occidental*, Almería 2007.

A.M. Arruda